



Val Rai¹

Pedro Pipano ALCANTARILLA²

Angelina Trevisan SALCIOTTO³

Eduardo Rizzo MAZZETTI⁴

Giuliano Nosralla GERBASI⁵

Wendel YOKOYAMA⁶

Marco AMÉRICO⁷

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

APRESENTAÇÃO

O conceito de documentário vem sendo revisto e ampliado a cada ano. O documentarista hoje em dia não precisa necessariamente preocupar-se com a imparcialidade de sua obra o que, ao mesmo tempo, enriquece a narrativa e agrega valor artístico a esta vertente de produto audiovisual. Além disso, o tema abordado pelo documentarista adquire infinitas possibilidades na maneira como é passado ao público, o que o torna muito mais interpretativo e possibilita o foco em questões mais abstratas.

O curta-metragem “Val Rai”, com duração de aproximadamente quinze minutos, segue esta linha de linguagem em documentário, tendo como foco Valdir Raimundo, de 52 anos, ator, diretor de teatro e dançarino de Butoh da cidade de Bauru, interior de São Paulo. Divido em três etapas, se inicia no distrito de Nogueira, vilarejo onde o artista nasceu e concentra-se em sua infância, na descoberta da vocação para a carreira artística e formação pessoal influenciada por aquele local.

Em um segundo momento, Valdir é entrevistado em sua casa, espaço em que também cria seus espetáculos. Ali ele expõe suas idéias sobre arte, cultura em geral e sobre as dificuldades existentes no exercício da profissão artística no interior do estado. De forma singular abordando idéias que estão longe de ser convencionais, conta ao público a descoberta do butoh como forma de expressão ideal para a sua arte.

¹ Trabalho submetido ao XIII Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade produto Interpretativo, como representante da Região Sudeste.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Radialismo da Unesp - Bauru, email: pedropipano@gmail.com

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Radialismo da Unesp - Bauru, email: angelloca@gmail.com

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Radialismo da Unesp - Bauru, email: edupanet@hotmail.com

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Radialismo da Unesp - Bauru, email: giulianogerbasi@gmail.com

⁶ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Radialismo da Unesp - Bauru, email: wendelyokoyama@yahoo.com.br

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Radialismo da Unesp - Bauru, email: tuca@faac.unesp.br



O vídeo se encerra com uma apresentação realizada no Teatro Municipal de Bauru, na qual Valdir desenvolve uma performance de butoh idealizada especialmente para o vídeo.

Buscando fugir de um formato convencional de documentário, "Val Rai" utiliza a linguagem, narrativa, som e montagem como instrumentos que reforçam a personalidade de Valdir, suas idéias e concepção de arte.

2. OBJETIVOS

O documentário “Val Rai” tem como principal objetivo apresentar ao grande público Valdir Raimundo, artista de Bauru, interior de São Paulo. Aborda também o butoh, dança performática de origem japonesa executada pelo artista.

3. JUSTIFICATIVA

A figura de Valdir Raimundo, sua relevância artística e conteúdo pessoal despertaram profundo interesse na equipe realizadora do vídeo. Val Rai era o único artista da região de Bauru e um dos únicos no estado de São Paulo a apresentar a performance de butoh – arte de grande improvisação que mistura elementos do teatro tradicional japonês com mímica e dança – no entanto, apesar de seu intenso trabalho, pouco era o seu reconhecimento fora da pequena comunidade artística da cidade. Sua paixão pela arte, a luta por melhores condições para a cultura em Bauru, a questão do próprio butoh, como dança desconhecida do grande público, foram incentivos para convidar Valdir a ser o tema do documentário, o que foi prontamente aceito.

Foi justamente em razão do butoh que Val Rai foi alvo de polêmica no início do ano passado. Durante uma sessão na Câmara Municipal de Bauru, em que artistas discutiam o Programa Municipal de Estímulo à Cultura, ele iniciou uma performance no plenário, como manifestação. Na ocasião, o vereador João Parreira demonstrou seu “conhecimento artístico” ao afirmar que via “*um cidadão deitado e babando ali na galeria, para mim, é um verdadeiro desrespeito com essa Casa*”. Valdir então explicou os motivos de ter “se atirado” em performance em frente e dentro da Câmara Municipal.

“Dancei butoh e vou continuar dançando butoh todas as vezes que causas que me afligem e atingem a minha categoria vierem à tona no plenário da Câmara. Todas as vezes que causas tocarem em meu coração com justificativas racionais e coerentes. É meu mundo, minha vida. Tenho fé de que as coisas vão melhorar, mas acredito também que temos que arregaçar as mangas e continuar na trajetória. Dancei butoh porque quero solução por



parte de nossos representantes no Legislativo. Quero o apoio deles para com nossa causa e nossa categoria. Nos anos 70, dei apoio à regulamentação de minha categoria e dancei; nos anos 80, dei apoio na criação de centros culturais e dancei novamente; nos anos 90, apoiei a criação de mais leis de incentivo e dancei; e continuo hoje no aqui e agora, nos anos 2000, dançando por causas que julgo necessárias ao espírito humano. Essa espécie em extinção”. (Valdir Raimundo)

Filho de uma família bauruense, Val Rai mudou-se para a capital paulista no final da adolescência para estudar teatro. No início da década de 1980, ele participou de um dos primeiros núcleos do Centro de Pesquisa Teatral (CPT), com o diretor Antunes Filho. Nessa época, o grupo todo nutria paixão pelo butoh e Val Rai percebeu que conhecia intimamente alguns elementos dessa arte desde sua infância.

“Com 13 anos, eu sabia os movimentos da dança do ventre. Sempre criei e analisei tudo com o corpo e com a alma. Mas, imagina o quanto fui ridicularizado pelos outros? É por isso que todo o trágico que coloco na minha dança não é tirado de fora, é de mim mesmo”. (Valdir Raimundo)

Em sua trajetória, ele estudou e trabalhou como ator e diretor, passando uma temporada na Europa e outro período no Japão, na década de 1990, quando se aperfeiçoou com mestres do butoh. Val Rai atuava ativamente com a comunidade artística de Bauru e região desde seu retorno à cidade, no final da década de 1990. Um de seus últimos trabalhos foi o espetáculo “Lá Vem o Trem da Terezinha, o Trem que Parado Causa Dor”, apresentado em agosto do ano passado. Neste espetáculo, respondia a seus próprios sentimentos ao lembrar da morte de sua irmã, Terezinha, aos três anos, em um acidente de trem.

A carga artística que Valdir carregava foi importantíssima na escolha da linguagem da obra, não havendo alternativa senão quebrar os padrões estéticos e narrativos do documentário tradicional moldando-os para que melhor retratassem seu tema e transmitissem a essência de Val Rai ao público.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A produção do documentário teve início no começo do mês de agosto de 2007. Com a idéia formada de realizar um filme sobre Valdir, a equipe foi a sua casa e neste primeiro encontro foram definidos os primeiros caminhos em que se concentraria o projeto, delimitando alguns pontos sobre o tema extremamente amplo. Neste primeiro encontro foi também planejada a viagem para Nogueira, proposta feita pelo próprio



artista, como locação para a parte inicial das entrevistas que tinha como foco principal a vida de Val Rai.

Para discutir sobre sua arte, suas opiniões sobre cultura e opiniões sobre vários temas, a locação escolhida foi sua residência em Bauru, onde também cria seus espetáculos. Neste local, além das entrevistas, Valdir Raimundo também apresentou performances de butoh exclusivas para o documentário. Por fim, foi usado como cenário para apresentação da performance principal de butoh que finaliza o vídeo, o Teatro Municipal de Bauru, lugar muito freqüentado pelo artista. As gravações foram divididas em três dias, sendo dedicado um dia de filmagem a cada locação.

Com o objetivo de não influenciar ou cercear o artista em suas respostas, os questionamentos foram elaborados e realizados pelo diretor Eduardo Rizzo sem o conhecimento prévio de Valdir. Essa decisão foi tomada para que a essência do personagem-tema não fosse alterada e as questões respondidas com espontaneidade. Realidade e inovação caminhavam junto às entrevistas.

Embora a linguagem escolhida não fosse convencional, a direção de fotografia optou por trabalhar apenas com luz natural durante as entrevistas, tanto em Nogueira quanto em Bauru, para assim preservar o caráter sério e documental da obra. Somente na ocasião das filmagens da performance no Teatro Municipal foram usados refletores profissionais. Devido à carga dramática da dança de Valdir, a luz foi utilizada na criação do ambiente necessário para que sua apresentação pudesse se desenvolver da melhor forma.

Os cenários não foram compostos de forma alguma, uma vez que foram escolhidos locais familiares ao artista. Os figurinos, criados por ele, faziam parte do seu acervo pessoal. A única exceção, assim como na fotografia e iluminação, foi a composição de cenário e figurino na dança realizada no teatro, na qual o chão e o artista foram cobertos por farinha de trigo.

A trilha sonora original foi composta com base em sons utilizados pelo artista em seus espetáculos e atua de forma importantíssima na identidade estética do documentário.

Foi capturado um total de seis horas de material bruto, reduzidos na edição a quinze minutos de filme. A câmera fixa e direcionada ao artista durante as entrevistas produz uma simplicidade intimista ao documentário. Os movimentos de câmera se tornam mais livres e perceptíveis no momento final enquanto o artista dança, de maneira mais artística, a câmera segue os movimentos de Val com a intenção de passar ao



espectador um tipo de arte íntimo, leve e ao mesmo extremamente denso. Essa linha acompanha também a montagem final, que utilizou a sobreposição de imagens ao longo do documentário com o intuito de utilizar uma não convencional-estética como forma de transmitir ao público a personalidade extremamente inovadora do entrevistado.

REFERÊNCIAS

DÁ-RIN, Silvio. **Espelho Partido** - Tradição e Transformação do Documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir. (Org.). **Cinema do real**. São Paulo: Editora Cosac Nayfi, 2005.